

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA: USANDO SALA DE AULA INVERTIVA

Francisco Wellery Gomes Bezerra¹

1 INTRODUÇÃO

Um olhar mais detido no que se refere ao uso das mídias digitais na formação social de estudantes suscita a questão de como o professor pode se utilizar destas mídias para estimular seus estudantes a um posicionamento mais crítico - reflexivo em relação às demandas sociais a eles apresentadas em ambiente virtual como as redes sociais. O interesse pelo tema surge no bojo de uma discussão em sala de aula, onde o professor estava trabalhando o conceito de alienação² em Karl Marx: e alguns alunos passaram a questionar este conceito na tentativa de compreender melhor a definição não só através de suas noções iniciais, mas por meio da Sociologia e o seu cotidiano.

Ao trabalhar o tema de forma reflexiva, a ação do professor vai ao encontro do pensamento de Contreiras (2002, p.143), pois “centrou-se na necessidade de que as ideias educativas deveriam se traduzir de forma prática e experimentada em sala de aula”, lugar 1 Mestre em Educação. Professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. wellerygomes@gmail.com 2 A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais em valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado seu produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho; mais imponente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna mais escravo da natureza (MARX, 2004, p. 113). de aprendizado recíproco, onde o professor que se abre a reflexão da sua própria ação, aprende ao ensinar, compreende o lugar do estudante colocando-se nele como aprendiz das próprias práticas pedagógicas. E com isso o aluno passa a compreender o conceito de forma a desconstruir, junto do professor, os seus preconceitos ao passo que alcança o entendimento do conteúdo com a ação docente que mostra onde a alienação está no cotidiano de cada um.

De forma dialógica, o professor conseguiu mostrar para a turma que os veículos midiáticos estão mais interessados em formar a opinião pública de forma massificada do que promover reflexões sobre a realidade. As mídias enquanto reguladores das relações sociais criam normas de conduta social que muitas vezes nem se percebe, já se está

falando, pensando e agindo conforme a agenda midiática. “As normas capacitam tanto quanto incapacitam; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação” (BAUMAN, 2001, p. 31). Com isso podemos refletir sobre como a emancipação e o estado de liberdade na modernidade líquida alienou os mais desatentos de forma tal a não se perceber enquanto ser alienado. Essa reflexão gerou algumas perguntas dos alunos no momento de debate em sala de aula, e uma dessas perguntas despertou o interesse do professor em mostrar na prática que “o juízo crítico é compatível com um critério independente do julgamento” (CONTRERAS, 2002, p. 134), quando o aluno perguntou se: - “as redes sociais são alienantes?” Esse questionamento norteou a discussão a ponto de muitos alunos, que poucas vezes e nunca se manifestavam em sala de aula, entrassem no debate de forma incisiva pelo fato de usarem as redes sociais.

Com isso passaram a questionar-se sobre aquele conceito, sobre como aquela ideia de ser alienado se aplicava na sua vida e como fazer para desconstruir o processo alienante construído pelas redes sociais. A seguir, mais uma pergunta levou o professor a perceber que as redes sociais têm em si o mesmo potencial alienante que outras mídias, no sentido de tornar aquele ou aquela que a utiliza um consumidor passivo de maneira a ser influenciado na formação de uma “agenda pública” (MAcCOMBS, 2009), como é o caso do rádio, televisão, cinema e revistas. Na medida em que é possível apropriar-se do veículo de forma crítica, segundo Martino (2015, p 100) “qualquer pessoa provida de equipamentos relativamente simples e barato como câmeras, gravadores de áudio, crie e publique seu próprio conteúdo.” O outro aluno perguntou: - “é possível usar as redes sociais para (des)alienar?”. O uso de redes sociais como método pedagógico, vem sendo cada vez mais uma realidade em sala de aula. Com isso, a formação de professores voltada ao uso de tecnologias de informação e comunicação nas disciplinas, sobretudo onde o ensino remoto deixou de ser emergente para ser a realidade de muitos professores, é um passo fundamental para que o docente amplie a sua ação pedagógica ao utilizar técnicas que envolvam tais conhecimentos associados as suas metodologias.

Esse artigo tem por objetivo refletir sobre uma formação de professores de Sociologia e a adaptação que estes fizeram nas suas disciplinas e nos seus métodos ao agregar o uso de redes sociais no seu cotidiano escolar.

2 METODOLOGIA

Duas escolas foram pesquisadas: uma Escola de Ensino Profissional, a mesma escola onde surgiu o debate que ensejou esse trabalho e uma Escola de Ensino Médio de base Regular do Município do Crato – Ceará onde os professores de Sociologia destas escolas se dispuseram a fazer parte de uma formação para usar tecnologias digitais as suas estratégias metodológicas nas suas disciplinas. A formação dos docentes se deu em três momentos: inicialmente, através de uma sensibilização junto aos professores de Sociologia nas escolas pesquisadas, foi mostrando qual a importância de se conhecer e utilizar tecnologias digitais como estratégia didática em sala de aula, apontando quais tipos de tecnologias os professores já utilizaram, bem como, quais as suas limitações em relação a estes instrumentais.

O segundo momento aconteceu por meio de aprendizagem cooperativa e a sala de aula invertida, onde fizemos uma formação com os docentes utilizando-se dessas metodologias: para tanto foi trabalhado o conceito de ensino híbrido desenvolvido pela educadora Lilian Bacich, onde utilizamos como material de apoio sua obra – Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação – com o propósito de orientar os professores para o uso adequado das tecnologias digitais na disciplina de Sociologia.

O terceiro momento: uma entrevista feita com os docentes que fizeram parte da formação, onde expuseram suas demandas, dificuldades e adaptações à cada realidade vivenciada em sala de aula e o uso da técnica oferecida pela formação. A técnica trabalhada na formação consiste em usar a rede social WhatsApp associada ao Google Forms como método para se usar a sala de aula invertida³, recurso que oferece ao docente uma ampliação da sua ação pedagógica não sendo somente um reprodutor de conceitos, mas um curador da sua disciplina. ³ Metodologia ativa e o ensino de Sociologia A forma com que os docentes se apropriaram das técnicas, e suas dificuldades estão presentes nas suas falas, e com isso revelaram como as ações metodológicas que foram propostas, possibilitaram ³ Sala de aula invertida: nesse modelo, a teoria é estudada em casa, no formato on-line, e o espaço da sala de aula é utilizado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas.

O que era feito em classe (explicação do conteúdo) agora é feito em casa, e o que era feito em casa (aplicação, atividades sobre o conteúdo) agora é feito em sala de aula. Esse modelo é valorizado como a porta de entrada para o ensino híbrido, e há um estímulo

para que o professor não acredite que essa seja a única forma de aplicação de um modelo híbrido de ensino, a qual pode ser aprimorada. Podemos considerar algumas maneiras de aperfeiçoar esse modelo, envolvendo a descoberta e a experimentação como proposta inicial para os estudantes, ou seja, oferecer possibilidades de interação com o fenômeno antes do estudo da teoria que pode acontecer em vídeos, leituras, etc. (BACICH et al., 2015, p 56). aos professores instrumentalizar-se metodologicamente para enfrentar as dificuldades que se apresentaram durante a aplicação da proposta metodológica.

Na escola regular Teodorico Teles, o professor Francisco Steferson da Silva, selecionou duas turmas de primeiro ano, o 1º ano “A” e o 1º ano “B”. Na turma “A” foi proposta a utilização da rede social WhatsApp e na turma “B” a utilização do Facebook, já na escola profissional Governador Virgílio Távora, com o professor Simplício, foram escolhidas duas turmas de segundo ano, sendo uma turma do curso técnico de Enfermagem e a outra do curso técnico de Informática, sendo o WhatsApp utilizada na primeira e o Facebook na segunda.

De acordo com Silva (2019, p. 1) a surpresa que eu tive foi: na turma onde se utilizou o WhatsApp, a metodologia se tornou mais eficaz pela praticidade do uso do celular, e comecei a levar em consideração que pelo fato dos alunos estarem com o WhatsApp com mais frequência do que o Facebook, isso facilitaria, também tornar os alunos mais comunicativos. Na medida em que o professor encontrou muita dificuldade na turma em que propôs o uso do Facebook, segundo ele: a proposta feita ao 1º ano” não teve o efeito esperado, pois ao criar o grupo no Facebook, com a ajuda da sua monitora da disciplina iam adicionando os alunos da turma ao grupo e sem apresentar nenhum interesse pelo grupo os alunos começaram a sair sem mesmo poder dar início a metodologia.

O professor relata que não houve adesão, pois, usar esta rede social implicaria ter que baixar o aplicativo do Facebook nos seus celulares e os alunos não queriam fazer isso, só para esta metodologia, visto que os jovens dessa turma já não utilizam mais o Facebook. Corroborando com Silva (2019), Simplício (2019) sinaliza que houve uma resistência semelhante por parte da turma em que se propôs o uso do Facebook. E o argumento utilizado foi que ninguém da turma tinha mais facebook e que todos usam WhatsApp. Ao ponderar esses argumentos o professor achou melhor e mais funcional usar o WhatsApp, pois é mais prático por poder criar um link com todo material necessário e poder acompanhar melhor a resposta dos alunos. O que mostra que a rede

social Facebook já não é mais tão popular entre os jovens, o que se evidencia nas palavras de Simplício (2019, p. 1) quando relata a reação dos estudantes “facebook é coisa da minha mãe”, a escolha pelo WhatsApp se deu por ser a rede social mais utilizada pelos jovens. Segundo o professor: Na turma de informática todas as pessoas têm WhatsApp e na turma de enfermagem somente uma pessoa não tem. E com essa pessoa que não tem a rede social, eu solicitei a monitora da disciplina para ficar sempre encaminhando as mensagens e tudo que estava sendo trabalhado no grupo em relação a disciplina.

A monitora da turma é uma aluna excelente, fez todo o trabalho de acompanhamento com tranquilidade e a aluna que não tinha a rede social pode acompanhar com tranquilidade os conteúdos (SIMPLÍCIO, 2019). O uso de monitores na disciplina de Sociologia, é um recurso utilizado por ambos os professores. O docente da escola profissionalizante faz uma seleção por meio de uma prova de conhecimentos sociológicos em que os alunos interessados na monitoria se submetem a esta seleção e aquele ou aquela que é selecionado passa a auxiliar o professor da disciplina diretamente no funcionamento das metodologias que são propostas para a turma. Já o professor da escola regular fez a seleção dos seus monitores por meio de convite aqueles ou aquelas que se interessassem.

Para que as metodologias pudessem realmente ter mais efetividade, contar com os monitores é um caminho produtivo, faz com que as propostas metodológicas que o professor faça ganhe mais a cara do jovem, e com isso o professor oportuniza que o protagonismo juvenil, possibilitado pelo uso de metodologias ativas, neste caso, o Ensino Híbrido facilitado pelo uso de redes sociais, seja um facilitador do processo de ensino aprendizagem da disciplina de Sociologia.

A decisão pelo WhatsApp facilitou o engajamento dos alunos à medida que os professores foram selecionando as atividades e ações que fizessem os alunos praticar a união entre o uso da rede social e o conteúdo aplicado em sala de aula, Simplício (2019, p. 2) relata que normalmente eu procurava fazer o uso da metodologia da seguinte forma: minhas aulas eram as quartas feiras a tarde na turma de informática e na quinta-feira pela manhã na turma de enfermagem, o nosso planejamento são normalmente as quintas feiras a tarde, então eu planejava quais seriam os conteúdos a se trabalhar no grupo e elaborava uma pergunta.

Quando era a noite que eu chegava em casa, para não usar a internet da escola que geralmente não é boa, eu enviava para os alunos já na quinta feira a noite. E durante a semana eu solicitava que a monitora enviasse para a aluna que não tem o WhatsApp o que estávamos trabalhando no grupo. Já Silva (2019, p. 6) nas suas aplicações da metodologia afirma que nós não utilizamos o livro em sala de aula, e eu já enviava na terça – feira a atividade como um pequeno texto ou artigo sobre o assunto da aula, e eles fizeram uma análise escrita desse texto juntamente com a análise do vídeo que se tornou uma forma mais ilustrativa do que estava no texto. A minha intenção é que ao construírem uma resenha sobre o texto, eles pudessem assistir ao vídeo e encontrar no vídeo elementos que eles leram e escreveram.

Pois vídeos que se podem encontrar no youtube têm conteúdo que se podem relacionar as disciplinas. E com isso trabalhar de forma lúdica, porém com uma proposta educacional. Em cada turma as ações propostas tiveram características particulares, o que faz o docente exercitar a reflexão na sua ação (CONTRERAS, 2002). Destaca Simplício (2019, p.2) em relação a turma de informática que a experiência foi diferente, como todo mundo tinha a rede social, e há uma diferença no perfil das pessoas que fazem o curso de informática em relação as que fazem o curso de enfermagem; fez com que as pessoas do curso de informática fossem procurar as informações em outros links, outras fontes 156 Formação Docente no Brasil... na internet, até mesmo porque eles gostam desses espaços virtuais. Em contrapartida, a metodologia que Silva (2019, p. 3) trabalhou, mostra que: as primeiras atividades que forma feitas dessa forma, os alunos fizeram, entregaram do jeito que tinha sido proposto para eles. Houve aqueles alunos que não fizeram a atividade previamente, mas que se posicionaram e fizeram seus comentários em sala de aula. Alguns alunos me entregaram os seus resumos, outros fizeram no seu caderno e eu dei um visto nos seus cadernos para efeito de avaliação.

Vejo que errei em não ter recebido o material de todos, como por exemplo aqueles que escreveram algumas linhas nos seus cadernos e eu dei somente um visto, vejo que era para eu ter recebido como forma de registrar as atividades. Nesse sentido, Contreras (2002, p. 98) considera que “diante de situações dessa natureza, os professores devem se valer de habilidades [...] recursos criativos, intuição, improvisação como elementos considerados artísticos da prática profissional.” Essa é uma concepção que nos convida a refletir sobre o papel de curadoria que o professor exerce nas suas disciplinas, permitindo ao docente perceber a “reflexividade como consciência dos seus próprios atos, isto é, da

reflexão como conhecimento” (MANNHEIN, 1990, p. 56). E com isso lançar mão de metodologias que alcancem o universo do aluno de maneira a estimular no estudante o desejo do conhecimento, fazendo-o enxergar aprendizado tanto em sala de aula quanto na rede social.

A exemplo de uma ação reflexiva, e uso intuitivo dos recursos digitais disponíveis e em consonância com que estava sendo trabalhado em sala de aula, Simplício (2019, p. 3) relata que houve uma vez que eu permiti o uso do celular em sala de aula, pois eu estava trabalhando um tema da Sociologia Urbana, e trabalhei uma música no grupo, a música – A Cidade, do Chico Science e a Nação Zumbi – onde pedi para que eles fizessem uma relação entre a música e os conceitos de Sociologia Urbana que trabalharíamos em sala de aula. Entretanto muitos alunos não tinham ouvido a música, então pensei vamos pelo menos ler a letra da música; tentei até cantar a música na hora, mas não lembrei da letra na íntegra e nesse momento eu solicitei que um aluno, que estava com o celular para que ele procurasse a letra da música na internet, não foi nem no grupo. Em consequência disso, é possível perceber a real funcionalidade da metodologia, porém vale salientar que a intuição do professor e sua ousadia foram de grande valia, ou a sua ação reflexiva, no ato de sua ação docente, otimizaram a metodologia e o uso pedagógico de tecnologias em sala de aula e ainda estimulando o protagonismo juvenil.

Na perspectiva de Bacich (2015, p. 68) “Há muito se discute a possibilidade de um ensino que atenda às necessidades de aprendizagem do aluno; entretanto, hoje, contamos com um facilitador: o uso das novas tecnologias.” Não se fala de um uso indiscriminado e aleatório do celular e de redes sociais em sala de aula, mas sim em agregar esses instrumentos ao planejamento de metodologias em sala de aula pensando nas diferentes realidades educacionais que o professor se depara no seu cotidiano escolar.

A utilização de métodos que chamam o aluno para o centro da sua aprendizagem tornando-o mais ativo e participativo durante as aulas, é uma forma de motivar o aluno a ter uma participação mais efetiva durante a aula. Uma maneira de fazer o discente se interessar pelos conteúdos e assim ampliar sua capacidade de aprendizado. Para tanto é preciso que a proposta metodológica além de motivar o aluno, tenha a capacidade de engajamento do mesmo, ou seja, que o aluno não esteja motivado apenas uma aula, mas sim envolvido pela metodologia de forma mais contínua, a cada aula o aluno ter sempre ações cognitivas a cumprir e assim despertar o real interesse pelo aprendizado.

A proposta metodológica feita aos professores, proporciona ao docente uma extensão da sua aula, para além do tempo de escola e das paredes da sala de aula, onde a rede social sendo usada como instrumento didático da técnica sala de aula invertida serve “para antecipar a aula, nesse sentido teve um aluno que disse que a aula até parece que fica maior, porque a gente já vem sabendo o que precisa fazer em sala de aula” (SIMPLÍCIO, 2019, p.6). De acordo com Bacich (2015, p. 71) quando se pensa em “promover a aprendizagem do aluno é um desafio para o professor. O que fazer diante disso? Pensamos que a solução possa partir, inicialmente, de três aspectos: planejamento, foco na pesquisa e no desenvolvimento de projetos e uso das tecnologias”. O planejamento de uma aula, em que se pensa nos recursos, no tempo, nas particularidades de cada turma, torna-se a chave de uma aula de sucesso, pois ao abrir o leque de possibilidades que recursos tecnológicos podem oferecer, possibilita ao professor engajar o aluno e este protagonizar seu aprendizado.

O uso dos formulários do Google Drive, eu fiz de duas formas: 1 – enviei um formulário no grupo do WhatsApp para eles responderem e levarem as respostas para sala de aula e 2 – fiz formulários para serem respondidos em sala de aula, onde levei os alunos para o laboratório de informática (SIMPLÍCIO, 2019, p.6). Com isso, o professor, quando pode contar com os recursos que a escola dispõe, encontra na metodologia Sala de Aula Invertida “um ensino personalizado, que exige muito mais do estudante, que tem de ter autonomia e responsabilidade a ponto de ir atrás de suas necessidades, curiosidades e interesses” (BACICH et al., 2015, p. 73). Dessa forma, o professor Simplício na sua experiência com a método proposto, começou a alcançar o “papel principal do especialista ou docente, que é o de orientador, tutor dos estudantes individualmente e nas atividades em grupo, nas quais os alunos são sempre protagonistas” (MORAN, 2018, p. 2).

Já em Silva (2019, p. 1) quando sinaliza que a “turma que mostrou resistência ao Facebook, pediu para que fosse utilizado o WhatsApp.” Explica que a ideia foi aceita pelos alunos, mas ainda assim a turma do 1º ano “B” não houve aceitação em nenhuma das duas redes sociais. Mesmo sendo uma turma que o professor afirma ter um bom relacionamento, “com isso não julgo que o motivo de não ter havido aceitação tenha sido algum problema na relação aluno professor. Muito pelo contrário, acredito que não tenha acontecido um despertar nos alunos da turma” (SILVA, 2019, p.1).

O que não significou que a metodologia proposta tenha sido um fracasso, pois, segundo relato do professor: no 1º ano “A” houve a aceitação, os alunos usaram bem o

grupo, perguntando, fazendo as atividades propostas, os que não faziam as atividades era porque ou estavam sem internet ou ainda não tinham visualizado a atividade no grupo. Normalmente eu passava a atividade na terça-feira, seguindo a orientação da formação que nos grupos de WhatsApp fossem orientados dia, hora e prazos para fazer as atividades.

Na quinta-feira eu usava o grupo para tirar dúvidas sobre a atividade, e na sexta-feira era o dia da aula (SILVA, 2019, p.2). De acordo com Moran (2018) uma aprendizagem progressiva e motivada alcança o verdadeiro engajamento do aluno no projeto proposto pelo professor parte de uma personalização da aprendizagem, isto é, o educador deve ter a habilidade de personalizar suas metodologias a fim de adequar a realidade de condições tanto da escola, como de cada turma e cada característica que a necessidade educacional apresenta.

O jovem, quando estimulado intelectualmente a partir do seu universo, encontra mais motivação para aprender; o que possibilita ao professor fazer das suas metodologias um processo de aprendizagem mais significativa (MORAN, 2018).

3.1 O COTIDIANO DO PROFESSOR E O USO DE REDES SOCIAIS

Segundo Moran (2018) um ensino personalizado, que pensa nas habilidades e deficiências do aluno possibilita ao docente está sempre renovando suas metodologias e adequando o uso de tecnologias de acordo com a necessidade e as demandas de cada turma. É uma prática que proporciona ao professor uma maior precisão avaliativa das habilidades dos seus alunos, o que possibilita ao docente conhecer quais são os alunos que estão compreendendo melhor os conteúdos que estão sendo trabalhados ao passo que estes sentem-se mais confiantes em auxiliar aqueles alunos que ainda precisam de mais atenção. É uma forma de descentralizar o conhecimento, que por sua vez soma e agrega mais da sua experiência ao entendimento dos discentes tanto em sala de aula quanto na rede social, na internet, no uso pedagógico das tecnologias digitais.

Ainda no relato de Simplício (2019, p. 5) este mostra como funcionou na sua prática a metodologia da sala de aula invertida na construção do processo autônomo dos seus alunos mostrando que ao trabalhar alguns conceitos sociológicos clássicos, solicitou que os alunos elaborassem trabalhos em forma de seminários, dividindo o tema em três

partes para que todos os grupos pudessem apresentar e serem avaliados. Porém: Teve um aluno que montou um material e que explicava os três assuntos dos seminários e postou no grupo do WhatsApp para todos. Eu não fiz nada, foram eles mesmos que pegaram o que eu tinha solicitado e fizeram acontecer. Tem grupo de algumas turmas que eu não tenho trabalho nenhum, eles é quem fazem e eu fico só supervisionando no grupo e avaliando em sala de aula. E o resultado é bem positivo. Ou seja, diferente de quando começamos eu não faço mais intervenções no grupo, eu só administro as atividades deles. Esse relato mostra como o professor no cotidiano das suas aulas pode adaptar de forma muito prática e estimular nos alunos o desejo de aprender por eles mesmos, pois “o conhecimento não precede a ação, mas, sim, está na ação” (CONTRERAS, 2002, p. 107) e a ação reflexiva proporciona tanto aos alunos quanto ao professor repensar e adaptar suas metodologias, tornando-as mais precisas e eficazes na construção da aprendizagem em sala de aula.

3.2 DESAFIOS E SUPERAÇÕES

A cultura escolar muitas vezes se apresenta para o professor, que tem metodologias inovadoras e pouco tradicionalistas, como um desafio a ser enfrentado e faz com que o docente enfrente algumas resistências seja de alunos, colegas professores, e até mesmo de pais de alunos. 161 Formação Docente no Brasil... A cultura escolar tradicional aqui referida é uma prática essencialmente voltada a racionalidade técnica mencionada por Contreras (2002) ao refletir sobre a autonomia ilusória, que o professor que volta sua prática somente para a execução de técnicas e com isso, acabam fazendo a mesma aula por anos e anos, sem levar em consideração a possibilidade de agregar novas formas de se pensar e fazer suas aulas. Com isso, Simplício (2019) relatou que procura evitar qualquer conversa em que seu nome apareça como o professor que permite os alunos usarem o celular em sala de aula, como se ele estivesse transgredindo as regras da escola deliberadamente.

Pois na época em que o professor iniciou o uso de novas metodologias que incluíam tecnologias em sala de aula, este tinha chegado na escola recentemente e ele não queria se indispor com a direção da escola. Dessa forma o professor deu opções para aluno não ir de contra as regras estabelecidas pela escola, aproveitando os espaços que a escola disponibiliza, e possibilitando o discente efetivar a sala de aula invertida, onde os

estudantes fazem atividades de estudo da disciplina em casa e para sala de aula trazem suas dúvidas e demandas, o que favorece o desenvolvimento da aula. Diferentemente da escola profissionalizante, a escola regular, não disponibiliza internet para o aluno em nenhum horário. O que por vezes acaba impossibilitando um maior uso de metodologias ativas envolvendo tecnologias nesta escola.

O professor Silva (2019) relatou que entrou em contato com os órgãos competentes para tentar trazer mais internet para escola, mas não obteve sucesso, foi informado que a escola não tem estrutura suficiente, nem investimento para que se possa oferecer internet de qualidade para todos. Não obstante, Silva (2019) encontra semelhante resistência por parte de alguns colegas professores que segundo o docente quando na sala dos professores falei sobre a pesquisa e que estava participando de uma formação que ensina como usar redes sociais em sala de aula, e que a coordenação da escola apoiou e aprovou a ideia, alguns colegas se posicionaram contradizendo que não viam a aplicabilidade da metodologia nas suas disciplinas, a exemplo do professor de Matemática.

Diante da fala do professor de Matemática, Silva (2019) complementa dizendo que muita da resistência dos professores, ou é por não saber usar as tecnologias, ou por estarem tão acostumados com as mesmas aulas, as mesmas técnicas de dar aulas, avaliar os alunos, atribuir notas por provas, que acabam temendo qualquer possibilidade de mudança nos seus método, sentindo-se muitas vezes ameaçados pelos professores que inovam e que se abrem a novas formas de trabalhar os seus conteúdos, desde a aula até o processo avaliativo.

O educador Luckesi (2011, p. 215) acredita que: A compreensão teórica da avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, tem-se ampliado bastante, os discursos pedagógicos, sejam eles de autores especializados ou de educadores em seu cotidiano escolar, são cada vez mais alvissareiros nesse sentido, o que é qualitativamente positivo, entretanto, no cotidiano da sala de aula, e dos sistemas escolares de ensino, observamos ainda resistência na maior parte das vezes inconscientes, pois nossos educadores acatam os novos conceitos, porém não os traduzem em práticas diárias em sala de aula (LUCKESI, 2001, p. 215).

O que nos auxilia a refletir sobre a importância da formação continuada de professores, no tocante a renovação das práticas pedagógicas muitas vezes ultrapassadas.

Mas não é somente o ato de fazer formações, aperfeiçoamentos ou pós-graduações; é uma questão de pôr em prática o que renova, recria, e reinventa a educação para o seu desenvolvimento, e com isso trazer os alunos mais para perto do conhecimento e do desenvolvimento intelectual, e assim tornar-se pesquisador da própria prática docente ao atualizar continuamente a suas práxis. Ao ouvir do professor de Matemática que não via aplicabilidade de uso de tecnologias em sala de aula, Silva (2019) retrucou mostrando que a postura do professor em se fazer resistente a novas formas de se ensinar, é um passo para trás que a educação dá. E mesmo diante de argumentações sobre o uso indevido que alguns alunos fariam das tecnologias, como numa avaliação em que se usa o Google Drive e permite-se que o aluno possa fazer pesquisas na internet, Silva (2019) reflete sobre esse assunto mostrando que: Numa prova online, usando o Google Drive, em que ele tem acesso à internet, que ele não faça pesquisa, ou seja, que ele não cole, o que se pode trabalhar também é a conscientização do aluno no tocante ao seu conhecimento. E o professor disse, desse jeito todo mundo vai tirar nota dez. E eu respondo que talvez não, sobretudo aqueles que tem já uma consciência sobre a sua aprendizagem, que utilizaram da metodologia para experimentar novas formas de aprender e não de burlar a disciplina. Mas claro que sempre haverá aqueles alunos que vão se aproveitar da oportunidade de se favorecer e procurar o caminho mais curto só para conseguir a nota (SILVA, 2019, p.5).

Diante desse relato, Silva (2019) pondera mostrando que ao se utilizar esse tipo de metodologia, não se deve levar em consideração somente que o aluno usara de má fé para colar nas avaliações, mas que o professor deve ser um estimulador de um uso inteligente e pedagógico dos recursos tecnológicos para que se possa propor um ensino e aprendizagem, e até mesmo avaliações que sejam diferenciadas do modelo tradicional. Porém: Mesmo assim alguns professores continuam resistentes ao uso de tecnologias nas suas disciplinas. E esse discurso e prática de alguns professores, e a cultura da escola de proibir o uso de celulares, fomenta no aluno o desinteresse por esse tipo de metodologia (SILVA, 2019, p.5).

Mesmo sabendo que o uso de tecnologias é, hoje em dia, uma fonte de informação que os jovens acessam constantemente. Com isso o docente ao utilizar esses recursos como forma de ampliar o alcance de suas metodologias, dá um passo adiante no processo de ensino-aprendizagem de forma qualitativa.

4 CONCLUSÃO

A reflexão sobre a formação continuada se apresenta para o professor, que pensa e quer que as suas aulas ganhem cada vez mais sentido e agregue verdadeiramente conhecimento ao estudante, é fundamental que o docente ao levar em consideração inserir nas suas metodologias, o uso integrado de tecnologias digitais, rede social e práticas com metodologias ativas, busque um recurso tecnológico que o faça sentir-se confortável e que veja a real possibilidade de uso, pois não será somente a formação que resolverá todos os problemas do docente que inicia um trabalho com o universo digital, mas todo o esforço e a sensibilidade em que o professor exercerá para aprender e dominar a técnica até transforma-la e recria-la com suas características e os recursos que cada escola oferece.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzen. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CONTRERAS, José. Autonomia de professores / José Contreras; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; – São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. / Cipriano Carlos Luckesi – 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MANNHEIN, Karl. Sociologia do Conhecimento. / Tradução: Maria da Graça Barbedo. Ed. Portuguesa em 2 volume. Rés Editora. 1990.

MARX, Karl. El Capital- Crítica de La Economía. Ciudad de México: FCE, 1999. Libro II. MARX, Karl. Econômico-Filosófico. São Paulo: Boitem -po, 2004.

McCOMBS, Maxwell. A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAN, José. Metodologias Ativas Para uma Aprendizagem Mais Profunda. In: Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática

[recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. – Porto Alegre: Penso, 2018.

SILVA, Francisco Steferson. EEFM TEODORICO TELES. Entrevista em: 01/04/2019.

SIMPLICIO, Bethoven. EEEP. GOV. VIRGÍLIO TÁVORA. Entrevista feita em: 02/04/2019.